

# ¡CON LAS PALENQUERAS, NO TE METAS! ¡LAS PALENQUERAS SE RESPETAN!:

## MULHERES NEGRAS, RELAÇÕES RACIAIS E TRABALHO NO CARIBE COLOMBIANO

Samara Lima Freire

Este manuscrito é decorrente de pontos fulcrais da minha pesquisa de doutorado em que pude discorrer sobre os trânsitos, as trajetórias e os agenciamentos laborais que foram vitais para a permanência e re-existência social das mulheres negras de San Basilio de Palenque e de suas famílias<sup>1</sup>. São mulheres *dulceras* que trabalham vendendo diversos tipos de doces em territórios colombianos e em países fronteiriços. A comercialização dos seus produtos é, na maioria das vezes, a principal fonte de renda familiar e seus corpos são utilizados como veículo e propaganda deles. San Basilio de Palenque é uma comunidade fundada por pessoas escravizadas *cimarronas* que se refugiaram nos territórios da Costa Norte da Colômbia desde o século XVII.

San Basilio de Palenque está localizado no município de Mahates, no estado de Bolívar, na Colômbia, distante sessenta quilômetros da cidade de Cartagena de Índias, capital do depar-

---

1 Parte das reflexões neste capítulo decorre do trabalho de campo realizado em San Basilio de Palenque, inicialmente entre os anos de 2015 e 2016 e, posteriormente, entre os meses de outubro a dezembro de 2023 e janeiro e fevereiro de 2024 no âmbito da pesquisa de pós-doutorado (ALARI/Harvard University/CEAF/ICESI).

tamento de Bolívar. Situado na Região do Caribe colombiano, esse agrupamento negro foi pioneiro nos primeiros pactos de paz da Colômbia, convertendo-se no primeiro território negro livre da América devido a um acordo de não agressão mútua firmado entre a Coroa Espanhola e os moradores locais em 1713 (Arrazola, 1970). Em 25 de novembro de 2005, San Basilio de Palenque foi declarado Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade pela Unesco. Em Palenque a atividade econômica majoritariamente advém da atividade turística, da agricultura e da atividade comerciária das mulheres locais. Neste capítulo, o meu olhar está voltado para a especificidade da atuação laboral e para o desdobramento dessa atividade para o engajamento político social das mulheres negras palenqueras.

### ***Levanté mis hijos. Mi mamá nos levantó: trabalho e cotidiano na rota dos doces***

O sol ainda não surgiu com toda sua intensidade, mas seus primeiros raios são acompanhados pelos cantos dos galos e pela presença silenciosa dos homens caminhando para o monte<sup>2</sup> com seus cavalos, das mulheres varrendo a frente de suas casas e das crianças se despertando. Às sete horas da manhã, todos os membros da unidade doméstica já estão acordados. Nas primeiras horas do dia, nas ruas de Palenque, escuta-se um senhor anunciando em voz alta onde podemos encontrar carne fresca. Os abates de animais, comumente de porcos e de bois, ocorrem nos pátios<sup>3</sup> das casas, realizados pelos homens. As mulheres vão até essas casas e escolhem a quantidade e o tipo de carne que vão levar para as suas

---

2 Espaço destinado à plantação.

3 Espaço localizado atrás das casas.

residências. Nas ruas, as pessoas transitam e se cumprimentam, e quando passam em frente aos lares de seus amigos entoam o *buueeness* de forma melódica, ao qual se responde: “buenas” ou “buenas, niño”, “buenas, niña”, “buenas, mí vída”. A parte frontal das casas em Palenque, em sua maioria, carece de muros, de modo que, ao se passar em frente a uma casa, é possível ver quem está dentro da sala ou até mesmo no pátio. Desse modo, é recorrente que amigos e familiares se demorem um pouco nas residências: eles param, adentram na casa e conversam com quem estejam ali.

As palenqueras vão a pequenos mercados para comprar queijo, óleo, sal e outros alimentos. Geralmente esses estabelecimentos são administrados por homens com suas famílias, a exemplo de Juan Valdez e El Mono, cujos filhos e esposas muitas vezes assumem o negócio. As tendas são espaços semipúblicos utilizados diariamente por muitas pessoas que entram nas lojas, compram e saem. Em determinados dias da semana e horários, alguns desses estabelecimentos colocam música, fazendo que as pessoas se reúnam em torno das melodias da *champeta* e do *vallenato*.

Nessa busca por alimentos e condimentos do dia a dia, as mulheres encontram outras fazendo a mesma atividade. Há paradas estratégicas nas casas de amigas mais próximas e dos familiares para discutir os assuntos cotidianos na pauta do dia. A preparação do café da manhã ficava por conta da senhora da casa. As palenqueras costumam servir primeiro ao marido e, caso este ainda não estiver em casa, a sua alimentação é separada para quando regressar do monte ou de outro local. Pude observar que seu prato geralmente é muito bem servido, e que as mulheres só comem após servir a todos os presentes na sua casa.

As mulheres da comunidade, que comercializam os doces na própria localidade ou nos municípios vizinhos, por voltas das 8

horas da manhã, já estão iniciando sua feitura em seus quintais, por volta das 12 h terminam uma parte dos doces, para das 14 h às 17 h terminar com o restante que ficou por ser feito. Elas geralmente dedicam até dois dias na semana para essa preparação. As que trabalham em Palenque costumam vender durante todo o dia na semana. Nos finais de semana, é possível ver as mulheres em Palenque de saída para trabalhar nos municípios vizinhos, a caminho de Turbaco, Cartagena, Carmen de Bolívar, Sincelejo e Malagana. Até as 10 h30 min do sábado, podemos ver o deslocamento delas para estas localidades.

Os doces aqui referidos, em sua maioria, são: cocadas brancas (somente com leite), cocadas negras (com leite e rapadura), cocadas de goiaba, cocadas de abacaxi, doces de mamão, doce de tamarindo, doce de gergelim, bolo de macaxeira, as *alegrías* (doce à base de milho, coco e rapadura). Há também doces em forma pastosa. São doces cujos componentes principais são o coco, o leite e o açúcar.

As idades dessas empreendedoras variam. Há mulheres que começaram a trabalhar desde os dez anos, outras na adolescência. A maioria é de mulheres que aparentam ter de 20 a 60 anos. Muitas delas são mulheres mais velhas que já têm filhos e netos ou outras mais jovens que saem para acompanhar suas mães e depois passam a vender sozinhas.

A rotina de trabalho começa em casa, ou antes, quando elas saem em direção aos municípios vizinhos a fim de comprar os insumos para os doces. São elas que realizam o trabalho da negociação e compra dos produtos necessários para a feitura destes. Durante a permanência em San Basilio de Palenque, pude acompanhar com proximidade as rotinas de trabalho e venda de

três mulheres: Andrea Simarra (55 anos), Sol Maria (49 anos) e La Burgo e Teresita (gêmeas de 54 anos). Sol Maria realiza a produção dos seus doces em Palenque e segue para comercializar em Turbaco, distante 40 km da comunidade, também acompanhei a rotina de outras sete mulheres durante um mês na cidade de Bucaramanga, no departamento de Santander, região andina, cerca de 700 km de Palenque.

Em Palenque, as mulheres costumam vender diariamente seus doces pelas ruas e na praça da comunidade. Nos municípios que circunscrevem a comunidade, elas comercializam principalmente nos finais de semana, nos bairros, nos comércios e em escolas. Nas cidades mais distantes, elas costumam ficar de um a três meses morando e trabalhando no ofício da venda dos doces, para então retornar com os lucros para a comunidade. Para localidades mais distantes, viajam e lá residem em grupo de três a sete mulheres. Andrea, La Burgo e Teresita, todas casadas e com filhos, são aquelas poucas mulheres que trabalham vendendo os doces em Palenque e, em algumas ocasiões, quando a venda em Palenque não é satisfatória, saem para exercer seu ofício em municípios vizinhos. Essas três mulheres usualmente trajam vestidos coloridos e turbante nos cabelos como estratégia de venda de seus doces, ofertados aos turistas que diariamente visitam Palenque. Seus corpos são utilizados como veículo e propaganda. Os doces são posicionados sobre suas cabeças através das bacias de alumínio, às quais elas se referem como *porcelana*, *palaganas* ou *puncheiras* que chegam a pesar dezenas de quilos para aliviar a pressão do peso dos seus objetos, que ali se equilibram, coloca-se um pedaço de trapo em forma de rodilha antes de alojar a *puncheira*.

A comercialização desses quitutes é a base da renda familiar e, na maioria dos casos, a principal fonte econômica do grupo

doméstico. Essa atividade vem de um saber-fazer tradicional das famílias, que é transmitido de geração em geração. O início do trabalho para cada mulher negra tem momentos e motivações diferenciadas, mas é possível afirmar que o desejo principal foi, e ainda é, a busca por recursos econômicos e, assim, melhoria na qualidade de vida pessoal e familiar. Iniciaram o trabalho quando solteiras, já casadas ou mesmo grávidas, em sua maioria ainda jovens. Além de responder à busca por renda e sobrevivência da maioria, entre as mulheres mais jovens, hoje em dia, a venda de doces oferece a oportunidade de investimento na escolaridade, como pagamento de seus estudos universitários, seja em faculdades privadas ou públicas. As mulheres mais jovens e solteiras também trabalham para ajudar a suas mães.

Acompanhando a complexidade das relações de trabalho e agenciamento das palenqueras, adentrando nas suas falas em relação às suas atividades laborais, foi possível cristalizar algumas metáforas acionadas para se referir à sua prática laboral. Entre essas metáforas, uma elucidativa é a expressão *levanté* ou *levantó*. O verbo é ora conjugado no passado, ora no presente. Como afirmou La Burgo, “mi mamá nos levantó a nosotros haciendo cocadas y haciendo alegrías”, ou Flor María: “levanté mis hijos vendiendo manzanas, aguacates y haciendo dulces”. São frases acionadas no contexto laboral dos doces, ou seja, com a venda dos doces, foi possível “levantar” os filhos e a família. O termo *levantar* passa a ideia de que algo estava caído, abaixo, em um nível que seria necessário subir. A ideia de subir ou levantar aquilo que está caído figura-se no modo em que antes estava a situação social e econômica da família e que foi necessário o “reerguer”, o “levantar”, que se traduz no criar e no manter que serão possíveis com a comercialização dos doces.

Esse “levante” que estou mencionando se coaduna com a educação, a qual assumirá um peso extraordinário nas novas configurações familiares profissionais em Palenque. Vários filhos das mulheres com quem convivi são profissionais ou prestes a entrar na universidade, resultado do trabalho das mulheres. Os usos do dinheiro por parte delas atingem uma mudança social mais ampla, pois são investidos na maioria das vezes na educação universitária dos seus filhos, vislumbrando para eles uma noção de futuro distinta e mais confortável do que o presente que elas vivenciam. Algumas falas nos relatam que esse processo rumo a uma escolaridade e garantia de uma melhor condição de existência humana ocorreu sem a participação de uma figura paterna, como me destacou a jovem Josefa Hernández, que trabalhou vendendo cocadas:

pero no hubo como ese apoyo de parte de él, o sea, realmente fue ella, hoy en día somos hermanos que hemos ido a la universidad de los 8 y fue con dulces, con la venta de los dulces, pero de él nada, se desentendió del asunto.<sup>4</sup>

Para as mulheres mais velhas, em um dado momento se reconhece ajuda do companheiro, mas a força principal era proporcionada por elas, como me conta Flor María:

Criamos los hijos, con eso él me ayudaba y yo lo ayudaba. Él se quedaba con los niños y yo me iba para Venezuela, me iba para Bucaramanga a vender dulces y él se quedaba con los niños. Nicolás me ayudaba también, pero yo que botaba la fuerza.<sup>5</sup>

No período que Flor María estava viajando, seu esposo ficava em casa cuidando dos seus filhos, mas esse cuidado se diferen-

---

4 Depoimento de Josefa Hernández, Palenque, 2015.

5 Depoimento de Flor María, Palenque, 2015.

ciava do cuidado da mãe. Havia uma presença paterna em casa, que tinha como objetivo trazer alimentos para casa, alimento, como dito, advindo da roça. Flor María, quando havia necessidade, enviava quantias de dinheiro para a compra de produtos e alimentos, cujo recebimento ficava a cargo de uma irmã ou sua mãe que as repassariam para a família. Suas filhas já tinham idade suficiente para fazer o almoço e realizar outras atividades domésticas de casa. Quando o pai retornava para a casa, depois do trabalho da roça, o almoço já estava pronto, e no período vespertino os filhos iam para a escola. O cuidado se estendia entre as tias e as avós, que os filhos de Flor visitavam com assiduidade, pois as casas dessas mulheres são frequentadas para o descanso, para a conversa e para o alimento. Por outro lado, quando os seus filhos estavam em período de férias escolares, todos iam para a Venezuela auxiliar a mãe no trabalho de venda de doces, tanto as meninas quanto os meninos, assim, ajudavam a vender e a fazer.

No discurso das comerciantes, boa parte do tempo elas afirmam que os maridos também são importantes e relevantes nesse processo de “levantar os filhos”. Flor destacou que o seu marido “me ayudaba, pero yo botaba la fuerza”. O “botar a força” vai ser um diferencial nesse processo porque são elas que vão se jogar no espaço público da rua e vivenciar os logros e os sobressaltos que o trabalho informal e de rua proporcionam. São elas que se lançam por cidades distantes e com realidades distintas do seu *Pueblo*. Os filhos apresentam uma percepção um pouco distinta das de suas mães, entendendo que o sacrifício na formação de vida deles é devido às atividades de sua mãe. A relação de proximidade se dá mais fortemente com a mãe e nem tanto com o pai, não só pelo fato de que alguns homens têm outras famílias, e até mesmo já não residem em casa, de maneira que os filhos vivem com mães



solteiras, mas, sobretudo, pela criação dessas crianças, que são nutridas afetivamente pelas mãos das mulheres. Não que o pai não esteja presente durante esse processo, mas nas relações sociais estabelecidas em Palenque a presença feminina tem contornos específicos de expressividade na vida de uma criança.

No nível local, vemos que algumas mulheres têm negócios importantes na comunidade: são responsáveis pela fabricação de queijo, pela distribuição de cerveja e refrigerantes, pela venda de carne e do leite; algumas delas, como já indicado, possuem pequenas *tendas* que comercializam alimentos e bebidas. As economias domésticas são geralmente lideradas por mulheres, que na maioria das vezes são responsáveis por adquirir bens de consumo das famílias (alimentação, vestuário, artigos de limpeza), seja porque elas trazem todo o dinheiro ou parte dele, seja porque delegam tarefas para que os maridos, filhos, netos ou outras crianças os comprem.

Os deslocamentos das mulheres para outras cidades não implicam uma mudança nos papéis de gênero, porque enquanto trabalham em cidades distantes vendendo produtos, as crianças pequenas ficam sob os cuidados de seus maridos e de outros parentes, especialmente mulheres, como informou Catalina:

Si el hombre va a el monte, si ya tiene una hija grande, ella es dueña de la responsabilidad hasta que el padre venga, pero si los hijos son pequeños son llevados a donde la madre de la niña, de la mujer de la casa, a donde la abuela de la abuela los niños.<sup>6</sup>

Diante do trabalho feminino e dos deslocamentos, os laços parentais ganham reforços, a família desempenha um papel importante na vida diária. Isto é, para se tornarem “nômades” por

---

6 Depoimento de Catalina, Palenque, 2015.

ocasião de seus ofícios e simultaneamente continuarem cuidando de seu lar, especialmente das crianças e outras situações pontuais de subsistência, as palenqueras recriam redes de relacionamentos com outras mulheres para ajudar no cuidado de filhos, realizar tarefas domésticas, alimentar a prole, emprestar dinheiro em situações de emergência e ter apoio emocional em geral. Mesmo com o apoio de esposos que ficam em San Basilio quando elas viajam, a rede feminina é sempre acionada para a manutenção da vida.

Permito-me evocar Angela Davis (2016) quando ela diz que as características que reconhecemos hoje em nós, mulheres negras, particularmente a experiência advinda da escravatura, são consideravelmente distintas das mulheres brancas e produziram outro tipo de sujeito e de subjetividades. Como bem sabemos, o sistema escravocrata definiu as pessoas negras como bens móveis. Tanto as mulheres quanto os homens foram considerados unicamente força de trabalho, de modo que, na ótica dos proprietários, as mulheres eram destituídas de gênero, diz a autora. A mulher negra era antes de tudo uma trabalhadora, e só incidentalmente esposa, mãe e dona de casa. Davis argumenta: “A consciência que tinham de sua capacidade ilimitada para o trabalho pesado pode ter dado a elas a confiança em sua habilidade para lutar por si mesmas, sua família e seu povo” (Davis, 2016, p. 24).

Angela Davis destaca a situação social da mulher negra no século XIX e os modos como o legado da escravatura imprimiu nelas a experiência acumulada de diversas outras mulheres que trabalharam arduamente sob açoites, que foram violentadas, que lutaram contra a escravatura que protegeram suas famílias. Mulheres escravizadas que passaram para as suas descendentes livres “um legado de trabalho duro, perseverança e autossuficiência, [...] um legado que explicita os parâmetros para uma nova

condição da mulher” (Davis, 2016, p. 41). A autora propõe pensar que a experiência vivida em contextos de opressão, de extermínio e de vulnerabilidade produz outros tipos de sujeitos, moralidades e feminilidades. É necessário refletir as condições de gênero que são experimentadas de forma diferenciada e em alguma medida minha tese se devotou justamente a isso.

Escutei delas que o trabalho é uma tradição de Palenque que foi passada por familiares, e que há várias décadas as mulheres trabalham dessa maneira. É certo que, de algumas décadas para cá, houve modificações na forma de preparar os doces, com o uso do forno a gás em vez do fogão a lenha em determinadas localidades, por exemplo. Elas falam que, com o comércio dos doces, foi possível comprar equipamentos para suas residências, como fogões, geladeiras, televisões, roupas e sapatos para os filhos, produtos alimentícios, de higiene pessoal, fazer reformas e construção de novos cômodos na casa. O maior motivo de orgulho para elas é que, com esse trabalho, foi possível *sostener la familia y los hijos*.

Em decorrência da vivência com o trabalho com os doces e a partir de suas falas, pude adentrar em um universo no qual persiste a ideia de que esse é um ofício doloroso, duro, mas que é recompensado e se torna satisfatório na medida em que é possível alcançar alguns logros, desde a possibilidade de ter uma renda e comprar produtos básicos, como verduras e pacotes de macarrão, até a possibilidade de que um membro da família, principalmente os filhos, adentre em um curso de nível superior. O que se espera aqui é refletir sobre um tipo de atividade autônoma que beira o esgotamento físico. Quando e como se age quando a liberdade e autonomia se fazem dentro de um campo restrito de possibilidades? Liberdade e autonomia foram princípios constituintes para a

formação de comunidades negras, como a de Palenque, ao longo dos anos. Como esse sentimento e vontade de se tornar liberta e autônoma nas suas ações ganham profundidade nas relações que norteiam o seu trabalho?

As queixas sobre o trabalho vão se acumulando aos poucos, para depois ser afirmado que o sofrimento vivenciado, domesticado e disciplinado poderá trazer momentos de satisfação pessoal. A partir de Mintz ([1956] 2010), podemos refletir sobre o que é trabalhar no nível da exaustão humana e entender como elas conseguem enxergar o que é um trabalho que mata e, ainda assim, recorrer a essa prática para sobreviver e trazer dignidade ao seu feito.

Nesse contexto, a seguir, disponho de fragmentos do que essas mulheres negras apontam sobre o trabalho com os doces. Vejamos: “esto es un trabajo que mata uno” afirmou Sol María e continuou: “la venta ayuda para comprar los materiales y comer, nada más. Pero eso se hace porque ya es tradición y nada más. La necesidad hace hacer ese trabajo, pero es un trabajo que mata. Las manos duelen. Es un trabajo duro”. Por sua vez, La Burgo dizia: “esta es una herencia que también estoy dejando a mis hijos. Cuando ellos no tengan trabajo de ningún lado, que recurran a éste”.

La Burgo em certa medida corrobora Sol ao mencionar que o ofício é decorrente de uma tradição, de uma herança familiar que se perpetua por gerações e que tem como centro e como proliferadoras da atividade as mulheres de Palenque, bem como uma atividade que poderá ser acionada quando não houver outro tipo de trabalho remunerado. Porém, Sol María reafirma o tempo todo que esse é um trabalho que pode matar quem o realiza, verbalizando as extensões que são sentidas e vivenciadas no corpo da

mulher negra palenquera. Lucia Helena, comerciante que trabalha em Bucaramanga, mencionou: “es un trabajo independiente, usted es dueño de su propio negocio”. Josefa Hernández relatou algo próximo dela no sentido de ser dona e condutora de seu labor, incluindo o controle sobre os dias de trabalho: “igual acá es súper duro, tu eres tu propio jefe, si algún día tu no quieres ir no vas. Y yo hacía eso, el día que yo no quería ir no iba”. Também exprime uma preocupação familiar em torno da comercialização.

O que eu percebo é que há uma realidade de economia formal por um lado, de poucos acessos a trabalhos estáveis e bem remunerados, que faz com que os palenqueros homens e mulheres vivam numa perpétua viração laboral para garantir seu sustento. Por outro lado, há uma exaltação do papel das mulheres, que faz com que elas sejam protagonistas nessa luta pela sobrevivência. Isso se junta a uma tradição de busca de autonomia, que as leva a empreender trabalhos cansativos, mas nos quais sejam “donas” de seus ganhos.

Por sua vez, acredito que o trabalho dos homens, por ser realizado de madrugada e na roça, acaba sendo menos visível e menos público para a sociedade no mundo afora. O trabalho delas; ao contrário, é visível e transborda a comunidade para espriar-se pelas ruas, praças e praias de distintas cidades. É o trabalho delas que todo mundo vê e/ou ouve.

Foi no comentário de Catalina Herazo que o conceito de exaustão e a aproximação do ofício com a servidão e a dependência foram destacados:

Con los dulces quedamos esclavos del trabajo, esclavas de los dulces. Tiene que quedarse todo el tiempo rallando coco, cortando papaya... Es un trabajo duro, muy duro porque uno se levanta con lo mismo y se acuesta

todos los días con lo mismo, haciendo lo mismo. No es como otros trabajos que usted sale; usted sale a ganarse un día de batea, usted va, ya cuando llega a su casa, un día de plancha lo terminó y ya. Tú sabes un dulce que usted que cuando viene tiene que partir coco pa' adelantar porque si usted no lo hace el tiempo pa' mañana es muy poquito y se atrasa mucho; tiene uno que comenzar en la noche para terminar y hacer tu día temprano (Catalina Herazo, Palenque, junho de 2016).

Contudo, Yosaín apontou para outro lugar que esse trabalho ocupa no imaginário das palenqueras: “Bueno, gracias a eso conocí buena parte de Colombia, o sea, es muy bonito. Yo soy una de las palenqueras que el lugar que he trabajado tomaba fotos. Todo era muy bonito”.

Há concepções distintas sobre o que o trabalho propicia ou proporcionou entre as colocações de Catalina e a de Yosaín. A fala expressiva de Catalina associa o seu ofício ao trabalho escravo, em que a mulher se encontra refém dos seus produtos comercializados, refém da sua rotina de trabalho que é árdua, trabalhosa e intensa. Yosaín, no que lhe concerne, visualiza nesse universo dos doces uma oportunidade para conhecer e admirar outras cidades colombianas, o que mostra a relação que também tinha de circular e transitar em outros contextos geográficos, sociais e econômicos.

Catalina, ao comparar seu trabalho análogo ao de um escravo, nos traz para a análise a ponderação de Angela Davis (2016 [1981]), que apontou questões fulcrais:

Como leiga, posso apenas propor algumas hipóteses que talvez sejam capazes de orientar um reexame da história das mulheres negras durante a escravidão [...] O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os pri-

meiros anos da escravidão [...] Aparentemente, portanto, o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras na escravidão seria uma avaliação de seu papel como trabalhadoras” (Davis, 2016, p. 24).

O trabalho para as palenqueras comerciantes de doces é vivenciado como sinônimo de luta, autonomia, dor, resiliência, força, respeito, independência e legado familiar. É, pois, na esfera do comércio, na comercialização de alimentos, que essas mulheres negras buscam obter dignidade. Sentem-se valiosas e benfeitoras perante a família e a comunidade ao executar o ofício, ainda que exaustivo física e mentalmente. O trabalho é uma forma de se sentirem ativas. Desde crianças, o trabalho se tornou determinante na organização das suas vidas e das suas próprias existências e, assim, dá sentido a elas, apesar de sua ambivalência, do tornar-se cansativo, árduo, colocando em xeque a saúde delas. Vemos que o corpo adoecer: é um trabalho que pode matar, por ser uma atividade pesada, que demanda força muscular e movimentos repetitivos, preponderantemente de esforço físico. Por conta disso, as mulheres apresentam queixas como dores musculares, lesões, doenças osteoarticulares, problemas de coluna. O tempo dos doces decorre no tempo das doenças, não é à toa que a volta para as suas residências, após longas estadias fora da comunidade, é acompanhada pela visita ao único posto de saúde do local, onde são medicadas e quase sempre recebem a indicação de fazer fisioterapia.

É um trabalho que faz adoecer, mas que é valorizado enquanto estratégia de autonomia social para elas e de garantia de mobilidade social para os filhos. A socióloga afro-americana Winnifred Brown-Glaude (2011) alegou que há um padrão internacional que evolui em termos de economia informal, e as mulheres pobres negras passam a ocupar essa seara, desenvol-

vendo formas criativas para “ganhar a vida”, que lhes fornecem um meio pelo qual elas podem estabelecer sua autonomia e garantir um futuro para suas famílias. Olhando também para a realidade brasileira, o lugar da mulher negra no mercado de trabalho está demarcado no gueto da subalternização e da realização de atividades manuais (Bento, 1995).

É certo que algumas das palenqueras já trabalharam em casa de família, como empregadas domésticas. Nas vezes em que se referiram ao trabalho em casa de famílias, tal menção em sua grande parte surgia como aversão e repulsa. Aquela que mais tempo trabalhou como empregada doméstica entre as mulheres que conheci foi Flor María, que passou cerca de dez anos trabalhando para uma família de Cartagena, com quem chegou a viajar para os Estados Unidos, no tempo que era jovem e não tinha marido nem filhos. Ismênia trabalhou como doméstica sete anos em Rioacha, capital do departamento da Guajira, na Colômbia. Esse foi um período que experimentou, segundo ela, num intervalo de sua vida em que se cansou de trabalhar vendendo cocadas.

Trabalhar em casa de família não é uma opção que se almeja, é preferível trabalhar feito “escrava dos doces” do que trabalhar sob o mando de outras pessoas. O trabalhar na casa de família acontece quando são jovens e ainda não contraíram matrimônio, e geralmente são atividades experienciais de curto período dentro do universo das mulheres que dialoguei. São momentos, como dito por Bernada, de possível devaneio, “una vez de loca”. Desse modo, elas não visualizam no trabalho em casa de famílias uma oportunidade laboral aceitável.

É uma lógica semelhante à que presenciei durante o trabalho de campo para a produção da minha dissertação com jovens de



comunidades quilombolas no Rio Grande do Norte. Quando perguntei a uma das minhas colaboradoras da pesquisa, uma jovem negra quilombola, sobre o emprego doméstico, ela denunciou: “em casa de família, eu não trabalho, não!”. Acerca das expectativas dos jovens da comunidade quilombola de Capoeiras, “trabalhar em casa de família” é justamente um dos eixos que estes pretendem evitar quando delimitam seus projetos pessoais (Freire, 2012).

Dessas investidas, saliento que a vivência com as cocadas retrata uma realidade de trabalho extremamente dura para a maioria. Apesar dessa dureza, é possível encontrar espaços para a valorização do empreendimento, como a percepção de que não é necessário se trabalhar para outra pessoa. Sendo a dona do próprio negócio, o ritmo do trabalho é conduzido e assumido mais ou menos individualmente.

O deslocamento para outros estados da Colômbia e para países vizinhos, como a Venezuela, dá a essas mulheres uma visão ampliada de mundo, distinta daquela de seus maridos e de outros familiares. Elas se tornam agentes de suas ações cotidianas. Parafraseando a antropóloga paquistanesa Saba Mahmood: a agência não é simplesmente um sinônimo de resistência às relações de dominação, mas, sim, uma capacidade para a ação criada e propiciada por relações concretas de subordinação historicamente configuradas (Mahmood, 2006, p. 123). A autora traz um discurso positivo de estar e habitar o mundo, na busca de formas de agir dentro de um ambiente de adversidades. Se o trabalho é duro, ainda assim elas decidem aonde ir e quanto tempo permanecer, e escolhem o momento favorável para um breve descanso. Isso remete também à pergunta de Anne McClintock

(2010): quais são as possibilidades de agência em contextos de extrema desigualdade social? As possibilidades para uma possível agência se fazem mapeando rotas, caminhos e trajetos já enfrentados por outras mulheres diante de um leque limitado de possibilidades. É na certeza de que as amigas e familiares conseguiram êxito nessa investida que elas se lançam diariamente no universo da rua onde comem, trabalham, dormem de exaustão, estabelecem relações que possibilitam a permanência em outra cidade, relações que se dão com as pessoas na localidade onde circulam e relações entre elas, relações de cuidado, solidariedade, afinidades, desavenças e afeto.

As mulheres aprendem a reconhecer, por exemplo, as localidades que poderiam ser mais rentáveis financeiramente para as vendas (bairros residenciais de classe média, centros comerciais) e os horários mais propícios. O êxito das vendas também depende desses fatores, assim como da personalidade de cada uma, do timbre de voz bom e alto para anunciar os produtos, das estratégias persuasivas de venda – se é a dança, se é o canto, se são as duas coisas juntas, se são os vestidos chamativos, se são as frases de duplo sentido.

Refletindo sobre o sentido do trabalho como uma estrutura afetiva plena de significados, o trabalho que pode causar sofrimento, aludindo à fala de Catalina, que se torna escrava dos doces, esse sofrimento poderá se transformar em prazer pela utilização de suas competências e liberdades individuais. O trabalho é aquilo que pode transformá-las em protagonistas no processo de manutenção histórica de si e das suas famílias negras. Surge assim a capacidade das mulheres negras de transformar a natureza da dor vivida numa geradora de significados como possibilidade de autonomia que confere sentidos positivos ao seu fazer.

Desse modo, as vendas dos doces se tornaram um artefato que as mulheres negras palenqueras encontraram para ressignificar o trabalho, como forma de trazer dignidade e prosperidade à família negra na sua localidade. O trabalho se apresenta para elas como fonte de satisfação, realização de tarefas e ato criativo. Enfim, elas produzem para atender às suas necessidades, como comer e vestir, é o meio de sobrevivência da família e também uma conquista de sua autonomia e autoestima. O trabalho, para elas, significa o próprio ato de viver, são tecnologias do viver. No intuito de discutir as narrativas em torno do trabalho e como os doces trazem dignidade, mesmo argumentando e vivenciando nos seus corpos que esse trabalho pode matar, elas se deparam com valorações positivadas sobre o seu exercício laboral, fato que revela as incongruências dos sentidos e significados da luta pelo trabalho interdependente e informal. Como apontou Anne McClintock (2010), é na encruzilhada das contradições que as estratégias de mudanças podem ser encontradas.

As mulheres negras se reconhecem socialmente como provedoras, como sujeitos que cuidam e precisam dar conta de outrem quando aqueles estão numa situação de não produção – seja por incapacitação física, temporária ou não, seja por estarem fora do mercado de trabalho, seja porque se trata dos próprios filhos –, o que fundamenta a representação mental que nutrem de si mesmas e influencia seu bem-estar.

Trabalho é outra categoria fundamental para o feminismo negro e desde sua formação tem sido uma bandeira de luta dentro do movimento feminista como um todo. Se trabalhar fora de casa era uma reivindicação das feministas brancas, porque o lar era pensado como um lugar de opressão, as feministas negras reclamam que as mulheres negras (assim como para as mulheres

“de cor”: chicanas e provenientes do terceiro mundo) sempre trabalharam (especialmente levando em conta o contexto histórico da escravidão). Bell Hooks (2000) e Patrícia Hill Collins (2012) têm falado sobre as longas horas de trabalho das mulheres negras fora de casa, em troca de salários baixos e, ainda, assumindo o trabalho doméstico de suas próprias casas. Assim, a ideia de “sair do lar para trabalhar” como forma de libertação não era uma utopia que as contemplasse. Desse modo, este estudo pretende criar pontes com o trabalho de campo desenvolvido por mulheres negras no Caribe colombiano com a teoria feminista negra na tentativa de localizar “as indignidades das mulheres negras” nas Américas, como pontuou Caroline Hossein (2015, p. 39, tradução nossa).

Caroline Hossein (2015, p. 39, tradução nossa) ponderou que a teoria feminista negra pode ajudar a localizar “as indignidades das mulheres negras” nas Américas. Com o seu estudo sobre as comerciantes negras *madan saras* do Haiti, ela argumenta que as mulheres negras nos EUA, bem como em outros lugares da diáspora, como o Haiti e o resto do Caribe, possuem uma afinidade cultural decorrente da experiência histórica compartilhada da escravização de seus antepassados. Dessa forma, ela aplica o feminismo negro na compreensão dos papéis das mulheres negras no mercado e os riscos que enfrentam para realizar o trabalho cotidiano, salientando ainda que a contribuição desse trabalho à literatura feminista negra reside na revelação de como as mulheres negras usam economia e redes personalizadas para lidar com a dor que elas enfrentam enquanto tentam ganhar a vida no mercado. A violência do mercado é, portanto, um aspecto da vida das mulheres negras que pode ser incorporado nessa teoria (Hossein, 2015).

As mulheres *palenqueras* envolvidas no desenvolvimento de doces tradicionais foram, ao passar dos anos, reconhecidas como símbolo da cultura do Caribe colombiano. O trabalho com os doces se apresenta como mediador e constituidor da vida social palenquera. Os mecanismos de negociação acionados nas vendas, nas viagens, nas trocas e na relação com a clientela são circuitos constituídos por relações que são econômicas, mas também pautadas por relações pessoais, de parentesco e de afinidade. Essas mulheres constituem seu ofício por meio de uma íntima relação com o espaço público e sua clientela, transformando o primeiro em um lugar onde se tecem intensas e significativas sociabilidades e confrontos. Assim, vão construindo suas concepções de mundo: ser palenquera é uma forma específica de ser, estar e agir no mundo. Nesse ínterim, o trabalho foi sendo construído como importante marcador étnico, histórico e social feminino negro.

### **La marcha de las *puncheras***

Nas últimas décadas, a representação da mulher palenquera foi assumindo contornos distintos. Se num primeiro momento ela foi considerada um empecilho pelo estado e pela elite de Cartagena, atualmente é acionada como símbolo étnico e cultural, muitas vezes relacionada como um patrimônio histórico da cidade.

Acumulam-se os relatos de perseguição em referência ao seu trabalho. Dentre as justificativas, são elencadas o atrapalhar o deslocamento dos transeuntes nas calçadas do centro histórico e até mesmo um desconforto de cunho étnico/racial pela presença dos corpos dessas mulheres, cuja presença contrasta com os corpos dos turistas, em sua maioria brancos, beirando o discurso de que a cor de sua pele “poderia assustar os turistas”. Assim, elas

passaram a procurar locais nos quais a polícia “não fizesse cara feia” para elas, nem cobrasse subornos ou as agredisse fisicamente.

A estrela da promoção turística de Cartagena foi inicialmente um “obstáculo” ao desenvolvimento do turismo local, a ponto de serem perseguidos e suas mercadorias confiscadas pela mesma força policial que atualmente monitora os locais onde acontecem os eventos “decorados” por sua presença colorida e sua coroa de frutas. Na memória de Cristina Salgado, ainda há a lembrança do policial (1981) que chamou ela e suas companheiras de “aquelas negras malditas” e de quando elas tiveram que pedir permissão para vender e não correr o risco de serem espancadas ou multadas, pois era comum que isso acontecesse, obedecendo às “regras”. Da mesma forma que hoje a palenquera é “deificada” em brochuras, fotografias e cocktails de “fundo” tropical, alguns setores não teriam hesitado em mandá-la de volta a África pela exuberância e extroversão que hoje fazem parte da sua atitude e que antes eram rejeitadas por não serem típicas da nossa civilização e da nossa cultura. Isto se as condições turísticas não tivessem mudado, como começou a acontecer a partir do momento em que se promoveu o costume de tirar fotografias de turistas com estas “raridades africanas” (Burgos, Buelvas, 2008, p. 6, tradução nossa).

Isso aponta para as disputas constantes pela ocupação do espaço central da cidade e dos níveis de autonomia e da regulamentação das relações de trabalho. Assim, uma problemática social surge sob o ponto de vista dos jornais impressos locais, que por sua vez são demonstrativos das ideias reinantes acerca delas. É o caso do jornal *El Universal* de 22 de fevereiro de 1983 com a manchete “Invasão das praias”, que mostra três mulheres negras vendendo seus produtos em suas puncheiras. Outra circulação é a imagem de senhoras vendendo frutas. Ao lado, encontra-se uma mais jovem, em cuja descrição consta:

As calçadas de Cartagena são muito pequenas, mas vendedores ambulantes de todos os tipos as tornam menores e dificultam o deslocamento dos pedestres. Esta imagem foi capturada na Avenida Venezuela e as autoridades permanecem destemidas. (Blanco, 1984, tradução nossa).

A descrição está localizada na sessão judicial do jornal datado do dia 15 de agosto de 1984.

Por fim, resgatando uma última reportagem, ainda da década de 1980, ressaltamos o tom irônico acerca dos hábitos e posturas alimentares das palenqueras. O autor escreve:

Bela e típica imagem de Cartagena: Esta jovem Palenquera não [ilegível] quem negligencia sua alimentação e se dedica totalmente à comida [ilegível] que seus parentes lhe enviam. A outra não parece estar com fome. Ou, como a companheira, pouco se importa com o que acontece ao seu redor (Molano, 1983, p. 10, tradução nossa).

É emblemática essa sequência de matérias aqui pinceladas, datada do início da década de oitenta, quando se tem o registro do início, em que essas mulheres passaram a circular pelas praias, praças e ruas de Cartagena, vendendo seus produtos. Os discursos são ambíguos: destacam que a presença delas no meio urbano atrapalha até mesmo a passagem dos transeuntes nas calçadas ou que as praias estão sendo invadidas, às vezes de forma positiva, outras de forma nem tão positiva assim. A prefeitura da cidade de Cartagena de Índias, muitas vezes, se vale até os dias atuais dessa imagem da palenquera ambulante, a fim de promover a atividade turística local. Junto aos monumentos históricos da cidade de Cartagena, declarados como patrimônio mundial da humanidade pela Unesco em 1984, as mulheres palenqueras, de acordo com a declaração do secretário de governo de Cartagena, em 1998, durante o lançamento oficial do programa turístico

criado pela Prefeitura de Cartagena, elas seriam o patrimônio histórico da cidade (Cunin, 2003).

Circulando pelas ruas do centro histórico de Cartagena, encontramos as pinturas das palenqueras em quadros vistosos, geralmente representando-as com uma multiplicidade de cores pelo uso dos seus vestidos e com uma bacia de alumínio na cabeça carregada de frutas ou doces. Esses quadros estão exibidos em hotéis de pequeno e grande porte, é possível vê-los em restaurantes, são exposições que procuram retratar a imagem e o imaginário dessas mulheres palenqueras.

A representação da mulher palenquera com seus vestidos multicoloridos é publicizada também nos anúncios midiáticos, na maioria das vezes vinculada a frases apelativas como: “Cartagena te espera” ou “Venha para Cartagena”. Essas imagens não ficam apenas no contexto local ou nacional, expandem-se para outros circuitos internacionais, a exemplo de países da América Latina<sup>7</sup>. Recordo um trecho retirado do meu diário de campo, do dia 2 de outubro de 2015, quando circulei pela primeira vez pelo centro histórico de Cartagena, observando a presença delas nesse espaço urbano da cidade:

Cheguei ao centro por volta das 11:00 horas, dei uma volta pela *ciudad amurallada*. Neste espaço havia muitos turistas de todas as nacionalidades, fiquei impressionada pelo fato de um pequeno lugar ser capaz de concentrar

---

7 Quando retornei ao Brasil, no mês de junho de 2016, após as atividades de campo, a empresa aérea a que recorri para este percurso, Latam, circulava em seu anúncios audiovisuais uma gama de destinos a serem visitados. Entre os países estavam: Peru, Argentina, Equador e Colômbia. Ao retratar as belezas naturais e exuberâncias de cada país, chamou-me a atenção que a Colômbia era representada pelas muralhas de Cartagena, as suas praias e as palenqueras com vestidos nas cores da bandeira colombiana, dotadas de sorrisos largos e com cestas de frutas na cabeça sendo fotografadas por diversos turistas.



diversos rostos e línguas distintas. As edificações são lindas, do período colonial, um ar colonial e bucólico paira por aquele centro histórico, as charretes, os trajés dos homens das charretes, dignos de filme de romance, não é à toa que Cartagena é o destino para os amantes. A riqueza arquitetônica dos detalhes dos prédios, das ruas, a infraestrutura delas contrasta enormemente com a realidade dos bairros periféricos desta cidade [...]. À medida que fui caminhando encontrei algumas mulheres negras vendendo seus produtos, entre frutas e doces, contabilizei naquele momento cinco mulheres, elas vestiam vestidos super coloridos. Caminhando um pouco mais deparo com um hotel chamado “Bantu”, no *hall* deste havia um enorme quadro que estava desenhado uma das mulheres que acabei de ver nas ruas. Elas estão espalhadas por diversas partes: nas esquinas, nas praças, em frente às igrejas, nas calçadas, em frente aos restaurantes. Estão paradas, outras circulam e vão atrás dos possíveis compradores. Uma senhora negra que estava na esquina, estava sozinha com sua bacia de alumínio na cabeça com frutas e posicionada de pé, os turistas tiraram fotos com elas e compram algumas de suas frutas. Em outra praça havia duas mulheres negras sentadas, na frente delas, havia um tabuleiro escrito: “para tomar una foto hay que pagar”. Dentro daquele cenário dos corpos brancos e amarelos dos “gringos”, os corpos e vestimentas delas se destacavam [...]. (Diário de campo, Cartagena, 2 de outubro de 2015).

Como apontado pelas pesquisadoras Burgos e Buelvas (2008, p. 55), essas são características de um modelo de composição estabelecida para a criação de imagens promocionais do setor de turismo e terminaram “impondo” um estereótipo de composição que inclui os elementos arquitetônicos, o mar e, claro, a palenquera. Esse modelo de composição repete-se constantemente, chegando mesmo a permear outras produções discursivas estranhas à indústria turística. Por exemplo, a imagem da mulher

palenquera aparece também nas campanhas publicitárias de jogos de apostas, como é o caso da Palenquera da Gana Yá, cuja bacia de alumínio está repleta de notas de dinheiro ao invés das frutas e dos doces tradicionais.

Neste breve panorama, o historiador Nilson Salgado situa o que a mulher palenquera representa para o setor turístico e midiático da cidade de Cartagena e que ganha expressões em outras escalas.

Ao se mudarem para esta cidade, ocorre uma fusão entre o caráter histórico-colonial de Cartagena e a presença de uma etnia com tais características, o que cria uma combinação “exótica” cuja imagem é utilizada para fins turísticos; Assim, este nome: palenquera, que deveria referir-se simplesmente a uma mulher nascida em San Basilio de Palenque, faz alusão, no imaginário coletivo, a uma mulher negra que vende frutas nos pontos turísticos de Cartagena. Hoje basta colocar uma bacia na cabeça de uma mulher negra para criar uma palenquera (Salgado, 2011, p. 44, tradução nossa).

Como afirmou o autor, basta colocar uma bacia na cabeça de uma mulher negra para criar uma palenquera. A “falsa palenquera” foi motivo de pesquisa e quantificação por parte das “verdadeiras palenqueras”, de acordo com o jornal *El Tiempo* de 21 de setembro de 2008, com a chamada: “Palenqueras falsas aproveitam a fama das originais para trabalhar em Cartagena”, no qual foi realizado um questionário sobre a presença destas trabalhando no centro histórico de Cartagena.

De acordo com Ronal Marquez (2014), essa imagem de mulher palenquera nos reforça a imagem criada e permanentemente excluída aos olhos da sociedade cartagenera:

Como resultado da carreira turística que tiveram os setores de elite da sociedade de Cartagena, a mulher Palenquera foi reduzida apenas à vendedora de frutas que

percorre as ruas do centro histórico de Cartagena. Assim, foi construída a imagem da palenquera, tipificada por características particulares como vestido colorido, brincos, colares e carregar na cabeça uma porcelana cheia de frutas ou doces. A divulgação desta imagem invisibiliza aquela outra mulher que, com sua contribuição social, cultural e econômica, tem sido de extrema importância na construção da cidade de Cartagena. Segundo esta imagem, esta mulher migrante também foi aceita e incorporada como patrimônio da cidade, mas a análise crítica mostra-nos que na realidade ela tem sido um sujeito historicamente discriminado, excluído e privado dos seus direitos por esta mesma cidade (Marquez, 2014, p. 34-35, tradução nossa).

Permito-me fazer referência curta ao caso brasileiro, ao comparar com as baianas, vendedoras de acarajé da cidade de Salvador. Elas, que passaram por uma fase de patrimonialização, se ornamentam com vestidos brancos de *rechelier* ou com vestes coloridas, fazem uso de fios-de-contas, que são colares sacralizados do Candomblé, trabalham com comida, ofício que costuma ser aprendido junto a familiares, são mulheres, em sua maioria, negras de origem pobre. O ofício das baianas do acarajé foi registrado como patrimônio imaterial brasileiro em 2004 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Tal como as baianas do acarajé, que tiveram seu ofício registrado como patrimônio, antes disso, no período colonial, temos no Brasil mulheres negras que circulavam com diversos tipos de quitutes, as chamadas *quitandeiras*, que também passaram por períodos de restrição de circulação de seus produtos e corpos. Como bem destacou o antropólogo Fernando Freitas (2016), as quitandeiras eram comerciantes negras, escravas ou livres, que vendiam diversos produtos alimentícios como frutas, legumes, peixe seco ou fresco, entre outras classes de comidas preparadas.

Foram as principais fornecedoras de alimentos da cidade do Rio de Janeiro. O trabalho de Fernando Freitas também explorou a problemática da circulação das quitadeiras diante da disputa pelo espaço público no Rio de Janeiro, decorrente do processo de modernização no século XIX, quando as ruas passaram a ser alvo de controle e conflitos. Naquele contexto, as quitadeiras se tornaram uma questão urbanística a ser solucionada, seja pela regulação ou pela remoção auferida pela administração pública. O controle estava voltado para a localização do comércio e para as pessoas que comercializavam, então os estereótipos de gênero e raça pesavam sobre elas, que eram tratadas socialmente como mulheres desordeiras, barulhentas, pouco higiênicas, sem modos, brutas e perigosas, adjetivos que eram empregados para classificá-las e que funcionavam como meio de associá-las à ilegalidade e, por consequência, à repressão (Freitas, 2016).

Vemos em tudo isso uma disputa entre o reconhecimento étnico e a indiferença racial, a exaltação dos símbolos étnicos não implica um reconhecimento formal, nem a criação de políticas públicas, nem atitudes pessoais e coletivas que visem à diminuição do racismo ou à inclusão de sujeitos que vivem na pobreza e precariedade social, que por vezes o que está em disputa é a luta por ocupação do espaço público como pano de fundo, o racismo operando. Não é de hoje que a presença dessas mulheres nos espaços públicos de Cartagena gera um certo desconforto. Diante desse breve apanhado histórico, segue o relato do que foi o ato político de *la marcha de las puncheiras*.

No dia 26 de março de 2019, na cidade de Cartagena, na praça Benkos Biohó, que leva o nome do líder fundador do Palenque de San Basilio, ocorreu uma manifestação pública, uma marcha, ou seja, um ato político em resposta à ação estatal que, por meio da

coerção policial, multou e confiscou a *puncheira* da palenqueira Angélica Cassiani Cañate. A senhora ficou conhecida nacionalmente em diversos meios de comunicação por ter posado com a miss beleza da Colômbia há cerca de três anos em frente ao hotel *Histon* em Cartagena, foto esta que teve fins de cunho turístico. Angélica Cañate trabalha há mais de vinte anos no centro histórico de Cartagena, vendendo seus produtos que incluem as frutas e os doces. Em Palenque, ela é filha de um dos grandes músicos locais.

Esse ato político reuniu não somente as palenqueras que trabalham em Cartagena, mas também outros trabalhadores que dividem o espaço da rua para laborar: vendedores informais e artistas urbanos. Somaram-se ainda os estudantes e palenqueros na marcha. As palavras de ordem: “Não mexa com as palenqueras, as palenqueras se respeitam, não há direito de acabar com nossas tradições” foram enunciadas no ato.

Figura 1 – Foto divulgação da marcha. Cartagena, 2019

#NoMasElitismoEnCartagena **MARCHA** #SomosElPatrimonioVivo  
#PorSerTrabajadoresInformales **DE LAS PUNCHERAS** #LaPalenqueraSeRespeto  
POR LOS DERECHOS DE:  
LAS MUJERES PALENQUERAS,  
DE LOS TRABAJADORES INFORMALES  
Y DE LOS ARTISTAS URBANOS, QUE SON PATRIMONIOS VIVOS

**PUNTO DE PARTIDA: PLAZA BENKOS BIOHÓ**  
**MARTES 26 DE MARZO - 3:00 DE LA TARDE**  
DE LA PLAZA BENKOS ALLÍ NOS MOVILIZAMOS A LA PLAZA CHAMBACÚ DE LA INDIA CATALINA  
PARA LUEGO CAMINAR POR LA AVENIDA VENEZUELA, PASANDO POR LA PLAZA DE LA PAZ  
Y TERMINANDO EN LA PLAZA DE LA ADUANA FRENTE A LA ALCALDÍA DE CARTAGENA

Fonte: <https://www.regioncaribe.org/post/palenqueras-se-toman-el-centro-hist%C3%B3rico-de-cartagena>.

Esse evento conseguiu aglutinar aqueles que trabalham com economia informal, não somente as palenqueras. Demonstrou a força mobilizadora das palenqueras e a solidariedade do seu grupo frente ao ocorrido com a Angelica, tanto durante o ato na rua, quanto nas redes sociais. Jovens palenqueros compartilhavam dezenas de imagens que invocavam o ofício das mulheres de sua família, durante o período. As fotografias retratavam esses jovens apoiando sobre suas cabeças as poncheiras de suas avós, mães, tias, irmãs e traziam consigo junto a iconografia depoi-

mentos extensos sobre a importância da atividade laboral dessas mulheres e a contribuição social que elas proporcionavam para a cidade, ressaltando que o tratamento ofertado pelo Estado não foi admissível e nem justificado.

Pós o ato público, mulheres palenqueras organizadas através de suas associações, a exemplo da Asociación de Productores Agropecuarios, Dulces Tradicionales y Servicios Etnoturísticos (Asopraduce), reafirmaram a necessidade da não aplicação do código nacional de convivência da polícia, havendo como justificativa o amparo jurídico da legítima confiança, no qual se traduz, numa permissão para exercer sua atividade profissional, através do registro único de vendedores. No processo argumentativo em defesa de seus direitos, a mulher palenquera pontuou o fato de ser considerada um símbolo de referência cultural e promotora do turismo local e que levassem em conta a tradição da atividade realizada por elas.

Nesse viés, algumas resoluções foram estabelecidas, destacamos aqui: a criação de uma mesa de trabalho de políticas públicas permanente para a população negra que gere bem-estar e consenso aos usuários do espaço público. Isso tudo para gerar um consenso que permitirá o desenvolvimento do trabalho, respeitando as leis, valorizando a cultura, a arte e as tradições, segundo o informe da prefeitura de Cartagena, no *site* de divulgação de notícias da cidade.

## **Considerações finais**

Acompanhar o movimento das mulheres negras palenqueras em circulação com os doces no intuito de pensar sobre as dinâmicas, os deslocamentos, as interações e os significados dessa

atividade em termos das relações raciais, de gênero de família e trabalho, nos revela pontos fulcrais para a compreensão das relações raciais em contextos afrodiáspóricos.

A comercialização dos doces, por exemplo, pode ser interpretada como um mecanismo de trabalho que as mulheres agenciam em contextos de pobreza e dentro de situações de desigualdade e exclusão sociorracial e limitações de educação e emprego; por outro lado, o trabalho com os doces é também vivido por suas agentes como uma marca de identidade cultural e tradição, um legado que transpassa gerações.

Se, por um lado, a comercialização dos doces pode ser interpretada como um mecanismo de trabalho que as mulheres negras agenciam em contextos de pobreza e dentro de situações de desigualdade, exclusão sociorracial e limitações de educação e emprego, por outro lado o trabalho com os doces é também vivido por suas agentes como uma marca de identidade e um legado que transpassa gerações. Esse duplo significado do trabalho com os doces permeia as descrições desse trabalho: esse ofício oferece uma estratégia marginal e ambígua que lhes permite sobreviver e promover a sua mobilidade social, sobretudo através dos ganhos materiais que destinam à educação formal de seus filhos, e da sensação de que essa mesma estratégia marginal, mesmo sendo dura, lhes permite autonomia e dignidade.

Meu trabalho com mulheres jovens quilombolas no Rio Grande do Norte foi fundamental para me perguntar pela questão do trabalho e da força feminina na produção de comunidade, de política e de subsistência (Freire, 2012). Também me serviram de inspiração, as questões colocadas pelo feminismo negro, como venho dizendo, pois, para as autoras que o compõem, o trabalho



foi uma questão fundamental para reivindicar outras diferenças sociais, para além do gênero, dentro do movimento feminista. A exemplo da prerrogativa do sair do lar para trabalhar. Isso é, o “sair do lar” não tem o mesmo tipo de significados para todas as mulheres, estando atravessado por marcadores de raça, classe e gênero, assim como por possibilidades laborais dignas. As mulheres negras palenqueras sempre trabalharam, mas somente se sentiram livres quando decidiram que tipo de trabalho iriam realizar: os doces significaram um caminho de procura pela autonomia.

Assim, elas definem a si mesmas por sua capacidade de trabalhar duramente pelo forte desejo de promoção de equidade para atingir uma liberdade, por meio da melhoria de vida de seus descendentes, e, nesse sentido, de sua população. Assim, sua feminilidade não foi inscrita por meio dos atributos de fragilidade e dependência, mas pela autodeterminação voltada para ação e para a prática.

As mulheres palenqueras envolvidas no desenvolvimento de doces tradicionais foram, ao passar dos anos, reconhecidas como símbolo da cultura do Caribe colombiano. O trabalho com os doces se apresenta como mediador e constituidor da vida social palenquera. Os mecanismos de negociação acionados nas vendas, nas viagens, nas trocas e na relação com a clientela são circuitos constituídos por relações que são econômicas, mas também pautadas por relações pessoais, de parentesco e de afinidade. Essas mulheres constituem seu ofício por meio de uma íntima relação com o espaço público e sua clientela, transformando o primeiro em um lugar onde se tecem intensas e significativas sociabilidades e confrontos. Assim, vão construindo suas concepções de mundo: ser palenquera é uma forma específica de ser, estar e agir

no mundo. Nesse ínterim, o trabalho foi sendo construído como importante marcador étnico, histórico e social feminino negro.

A comercialização de produtos se tornou uma estratégia de sobrevivência e de inserção social, uma alternativa encontrada para superar as dificuldades que enfrentam e que estão passadas por desigualdades de classe, raça e de gênero. Noções apresentadas como o *levantar* e o *aguentar* se inserem dentro dessa seara de gramáticas na luta pela existência cotidiana. As questões elencadas foram organizadas ressaltando o comércio e os agenciamentos em torno deste como potencialidades para o protagonismo feminino negro, ¡Con las palenqueras, no te metas! ¡Las palenqueras, se respetan!

## Referências

- ARRAZOLA, Roberto. *Palenque, primer pueblo libre de América: historia de las sublevaciones de los esclavos de Cartagena*. Cartagena: Ediciones Hernández, 1970.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. A mulher negra no mercado de trabalho. *Estudos Feministas*, n. 2, ano 3, 2º Semestre, 1995.
- BLANCO, Jimmy. A un hombre le pegan 4 tiros en la cabeza. *El Universal*, Cartagena, 15 ago. 1984.
- BURGOS, Almeida; BUELVAS, Gastelbondo Yamile. *Análisis discursivo de la imagen de la palenquera en la promoción turística*. Tese de grado (Programa de lingüística e literatura) – Universidade de Cartagena, Cartagena, 2008.
- BROWN-GLAUDE, W. *Higglers in kingston women's informal work in Jamaica*. Nashville: Vanderbilt University Press, 2011.
- CUNIN, Elisabeth. *Identidades a flor de piel*. Lo “negro” entre apariencias y pertenencias: mestizaje y categorías raciales en Cartagena (Colombia). Bogotá: IFEA/ICANH/Uniandes/Observatorio del Caribe colombiano, 2003.
- DAVIS, Angela. “O legado da escravidão: parâmetros para uma nova condição da mulher”. In: DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

FREITAS, Fernando Vieira de. As negras quitandeiras no Rio de Janeiro do século XIX pré-republicano: modernização urbana e conflito em torno do pequeno comércio de rua. Caxambu - MG: 40º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, *Anais* [...], 2016.

FREIRE, Maíra Samara. *É a luta da gente!*: Juventude e etnicidade na Comunidade Quilombola de Capoeiras (RN). 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

HILL COLLINS, P. Rasgos distintivos del pensamiento feminista negro. In: JABARDO, Mercedes (ed.). *Feminismos negros*: uma antologia. Madrid: Traficante de sueños, 2012. p. 99-134.

HOOKS, bell. *Feminism is for everybody*: passionate politics. London: Pluto Press, 2000.

HOSSEIN, Caroline Shenaz. Black women in the marketplace: the everyday gendered risks encountered by Haiti's madan saras (women traders). *Work Organisation, Labour and Globalisation*. v. 9, n. 2 (Special issue: Intersectionality), p. 36-50, 2015.

MARQUEZ, Ronal Miranda. *Ma muje ri Palengue*: la construcción de un símbolo cultural en Cartagena de India (1975-1985). 2014. Monografia (Graduação em História) – Universidad de Cartegena, Cartagena, 2014.

MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito libratório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egípto. *Etnográfica*, X, p. 121-158, 2006.

MCCLINTOCK, Anne. *Couro imperial*: raça, gênero e sexualidade no embate colonial. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

MINTZ, Sidney W. Cañamelar: the subculture of a rural sugar plantation proletariat. In: STEWARD, Julian H. et al. (ed.). *The people of Puerto Rico*. Urbana: University of Illinois Press, 2010. p. 314-417.

MOLANO, German. Hermosa y típica estampa cartagenera. *El Universal*, 10 nov. 1983.

RUIZ, Marta. Turismo de fin de año: el mar es la vida, lo demás es accesorio. *El Universal*, 22 dez. 1983.

SALGADO, Nilson. *Migración Palanquera a la Ciudad de Cartagena: 1960 – 2000*. 2011. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Cartagena, Cartagena, 2011.